



O IMAGINÁRIO JUDAICO-CRISTÃO E A SUBMISSÃO DAS MULHERES

Rita de Lourdes de Lima¹

Introdução

Ao longo da história humana, as mulheres conviveram com inúmeros discursos religiosos que lhes ensinaram seu papel no mundo. O discurso religioso judaico, gestado em uma sociedade alicerçada sobre a figura do patriarca e baseado no aspecto biológico da gestação e da amamentação, estabeleceu que cabia as mulheres cuidar dos filhos(as) e alimentá-los(as). Aos homens caberia o papel de provedor e, conseqüentemente, de mando na sociedade conjugal. Para manter a ordem, estabeleceu-se uma série de restrições e interditos, nos quais se mostrava a necessidade do comando do homem e da obediência da mulher, pois esta era a vontade do Deus-Pai. Da religião judaica nascem duas grandes religiões contemporâneas – a cristã e o islamismo.

A sociedade ocidental cristã, nascida e alimentada com as crenças judaicas², reproduz os valores mais tradicionalistas em relação às mulheres. Para discutirmos estas idéias, inicialmente apresentamos o imaginário judaico-ocidental cristão, no qual partimos das idéias presentes no antigo e novo testamento da Bíblia cristã, analisando também as influências gregas que se mesclam na formação do ideário ocidental. Em seguida, mostramos como tais idéias ainda estão presentes na contemporaneidade, através dos preconceitos contra as mulheres, reeditados sob novas roupagens.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, concluindo que apesar dos avanços em relação aos direitos das mulheres nas sociedades ocidentais, consideramos que as lutas por poder e igualdade, dentro da concepção religiosa judaica-cristã, parece-nos fadadas ao fracasso, uma vez que contrariam a própria lógica interna deste imaginário religioso.

A formação judaico-ocidental cristã

Para entendermos um pouco nossas crenças e valores atuais, faz necessário recuar, no tempo e buscar nossas raízes e os valores que formaram a civilização ocidental cristã. Vamos nos reportar, rapidamente, as representações acerca das mulheres na Grécia antiga.

¹ Doutora em Serviço Social, Professora do Departamento e do Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – rita.pires2@gmail.com

² Tais valores foram mesclados com valores Grego-romanos também eminentemente patriarcais.



Na sociedade antiga, especificamente na Grécia, a moral sexual se dirigia à conduta dos homens, uma vez que as mulheres tinham uma vida cheia de restrições. Eram consideradas objetos ou no máximo como “parceiras” do homem, mas sempre numa posição inferior, pois estes deveriam formá-las, educá-las e vigiá-las, enquanto as tinham sob seu poder. Por outro lado, era preciso abster-se delas quando estavam sob o poder de outro homem (pai, marido, tutor). Como objetos, não importava o que desejavam ou o que sentiam, cabia-lhes somente satisfazer a vontade e os desejos dos homens.

Este era o papel destinado socialmente à esposa na sociedade antiga: dar descendência *legítima*. Para assegurar essa legitimidade, necessário se fazia mantê-la submissa, obediente e principalmente fiel. Já ao homem, aconselhava-se fidelidade somente para mostrar a sua superioridade sobre seus desejos, como forma de dar provas de domínio de si³. Destarte, a fidelidade do marido é bem diferente da *exclusividade sexual exigida da mulher*, baseada na necessidade de ter a certeza da paternidade dos filhos. Assim, a “fidelidade” do marido poderia ser somente aparente, o importante para a sociedade da época (e para as próprias esposas) era assegurar, às esposas legítimas, os seus privilégios e sua posição de respeito.

A moral da época, baseada em Aristóteles, afirmava que ao homem cabia mandar e à mulher obedecer, pois aquele era o elemento dominante em todos os sentidos. Afirmava-se que na relação sexual o homem é quem determina, regula e domina o prazer da mulher. É ele também o responsável pela saúde dos órgãos femininos, pois a penetração e a absorção do esperma são a chave para a saúde do corpo da mulher⁴.

Já da concepção judaica, aprendemos que temos um Deus-Criador. Ou seja, apesar de ser espírito, Deus é associado à figura masculina. Ivone Gebara mostra que a sociedade do povo hebreu era eminentemente patriarcal e, conseqüentemente, a imagem de seu Deus correspondia à sua organização social.

De vez em quando alguém destoava do grupo e passava a chamar Deus de mãe, de Terra-mãe, de sabedoria infinita, de Mistério da Vida. Mas todos esses nomes e ‘jeitos’ diferentes de chamar Deus não eram muito freqüentes. Isso porque toda a organização política, social e religiosa desse povo repousava sobre os pais-chefes e, portanto, Deus tinha que continuar sendo o Grande Pai para que se pudesse manter a estabilidade social e religiosa do grupo⁵.

³ Aliás, esse é um tema recorrente nos escritos gregos. O que se condena é a falta de domínio de si, o entregar-se aos prazeres, sem conseguir lhes opor resistência.

⁴ Michel FOUCAULT. *História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres*. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

⁵ Ivone Gebara. Teologia Feminista. In: *Curso de Verão: Ano V*. (Org. José Oscar Beozzo). São Paulo: Paulinas, 1991. (Coleção Teologia Popular). P. 35



Ora, associar a figura de Deus ao masculino significou um distanciamento da mulher do divino. Qualquer mulher só pode se identificar com o Deus-Pai hebraico através da negação de sua própria identidade. Ser mulher passou a significar estar mais propensa ao mal, mais suscetível às ciladas do demônio.

É neste contexto de sociedade patriarcal que se insere, portanto, a narrativa judaica da criação da mulher depois do homem e a partir dele (da costela), e o mito judaico do pecado original, no qual a mulher se torna responsável pelo pecado e sofrimento da humanidade.

Para a mulher ele disse: ‘Multiplicarei os sofrimentos de tua gravidez. Entre dores darás à luz os filhos, a paixão arrastar-te-á para o marido e *ele te dominará*’. Para o homem ele disse: *Porque ouviste a voz da mulher e comeste da árvore, cujo fruto te proibi comer, amaldiçoada será a terra por tua causa*. Com fadiga tirarás dela o alimento durante toda a vida. Produzirá para ti espinhos e abrolhos e tu comerás das ervas do campo. Comerás o pão com suor do teu rosto, até voltares à terra, donde foste tirado. Pois tu és pó e ao pó hás de voltar’⁶ (grifos nossos).

A mulher se torna, assim, responsável por suas próprias dores, pelo sofrimento de toda a humanidade e pela morte do gênero humano. A mulher passará então, a ter o significado de mal, tentação, pecado, objeto impuro e perdição.

Na religião judaica ou naquelas que têm suas bases alicerçadas nela (cristã e islamismo), o grande patriarca é Abraão. Ele é o pai de todos os crentes e, particularmente, do povo judeu. Narra o Velho Testamento da Bíblia Cristã que Abraão tinha uma esposa, Sara e que ambos já idosos não tinham filhos. Sara, vendo que Abraão não deixaria descendência – observe-se que a preocupação é com a descendência do homem, pois a sociedade era patriarcal e patrilinear – sugere que Abraão “deite-se” com Agar, sua criada. Desta relação extra-conjugal consentida pela esposa, nasce Ismael. Posteriormente, a própria esposa de Abraão engravida de Isaac, que será o filho legítimo de Abraão. Então, Sara, enciumada, expulsa Agar e seu filho, Ismael, de casa.

Destes 2 filhos de Abraão, Isaac, filho legítimo, e Ismael, filho ilegítimo, se originaram o cristianismo e o islamismo. Da descendência de Isaac se originará todo o povo hebreu (as 12 tribos de Israel) e posteriormente Jesus, filho de José, que dará origem a religião cristã. Da descendência de Ismael nasce Maomé, que dará origem ao islamismo. Deste modo, as crenças judaicas, alicerçadas no patriarca Abraão, são as bases da fé cristã e islâmica.

Ora, numa sociedade eminentemente patriarcal, as leis e interditos vão considerar os homens senhores do mundo e suas mulheres, simples acessórios para satisfazer os homens, dar-lhes descendência, administrar ou cuidar dos afazeres domésticos e educar os filhos na obediência às

⁶ BIBLIA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991. Livro do Gênesis, 3:16-19.



leis. A título de ilustração, podemos elencar alguns trechos leis e proibições judaicas contidas na Bíblia⁷:

“Se a mulher trair o seu marido, ela será feita em objeto de maldição pelo Senhor...”

“Se uma jovem é dada por esposa a um homem e este descobre que ela não é virgem, então será levada para a entrada da casa de seu pai e a apedrejarão até a morte”.

“É melhor alojar-se num canto do terraço, do que com mulher rixenta em casa espaçosa”.

Se uma mulher menstruar, ficará impura até sete dias após o término do fluxo, sendo que tudo o que ela tocar ficará impuro até a tarde. Se alguém tentar tocá-la ou tocar em um móvel deixado impuro por ela, ficará impuro até a tarde. Quem se juntar a ela durante este período ficará impuro por sete dias.

Ora, por conseguinte, o processo de cristianização do mundo ocidental, que tem suas bases alicerçadas no judaísmo, alimentou também esse processo crescente de afastamento da participação da mulher na intermediação com o divino, principalmente com o predomínio da visão de Paulo na Igreja cristã nascente, o qual teve formação Judaica⁸.

Assim, no Novo Testamento, livro cristão, há as seguintes afirmações⁹:

Que a mulher aprenda em silêncio com total submissão. Não permito que a mulher ensine nem se arrogue autoridade sobre o marido, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que se deixou iludir e sim a mulher que, enganada, incorreu em transgressão.

Mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do Corpo, é a cabeça da Igreja. E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo a seus maridos.

Contudo, no Novo Testamento não foi somente Paulo a escrever restringindo os direitos das mulheres na sociedade cristã, vê-se também o mesmo tom nos escritos de Pedro:

“As mulheres tem de ser submissas aos vossos maridos”¹⁰.

Ora, esta forma de pensar, na qual os homens eram, por vontade de Deus, os seres dominantes e as mulheres, os seres obedientes, torna-se hegemônica a partir do século IV, com o domínio espiritual da Igreja sobre o mundo ocidental conhecido. O cristianismo, através da Igreja Católica, unificou doutrinariamente esses preceitos, mesclando nesta codificação, os valores gregos, romanos e judaicos.

Neste período, os padres da Igreja, seus doutores, ou mesmo os manuais da Inquisição vão basear-se na concepção Vétero-testamentária, ou seja, na concepção judaica do mundo ou nos

⁷ Os trechos a seguir foram retirados da Bíblia. Op. Cit. Citam-se os seguintes livros respectivamente: Números, 5:20; Deuteronômio, 22:20-21; Provérbios, 25:24; Levítico, 15:18-33.

⁸ Cf. Ivone Gebara. Op. cit.

⁹ Os trechos a seguir foram retirados da Bíblia. Op. Cit. São citados os seguintes livros respectivamente: 1ª Carta de São Paulo a Timóteo, 2 : 11-14; Carta de São Paulo aos Efésios, 5: 22-24.

¹⁰ Bíblia. Op. Cit. Iº Pedro, 3:1.



trechos do Novo Testamento que colocavam as mulheres “nos seus devidos lugares”. Vejamos alguns exemplos que mostram a moral da sociedade medieval:

A maldade da mulher é tratada em *Eclesiasticus XXV*: “(...) Eu prefiro viver com um leão e um dragão do que manter casa com uma mulher(...)”. Por este motivo, S. João Crisóstomo afirma, no texto, “Não é bom se casar: o que mais é a mulher além de uma inimiga da amizade, uma inescapável punição, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejada, um perigo doméstico, um mal da natureza, pintada com cores suave”¹¹.

Tu deverás usar sempre o luto, cobrir-te de farrapos e machucar-te pela penitência a fim de reparares o erro de teres feito com que o gênero humano se perdesse... Mulher, tu és a porta do diabo¹².

Assim, para Santo Agostinho, os homens refletem o Espírito de Deus no corpo e na alma. A mulher, diferentemente, possui reflexos de Deus apenas na alma, pois seu corpo constitui obstáculo ao exercício da razão. Para São Tomás, a mulher foi criada mais imperfeita do que o homem mesmo no que toca à sua alma¹³. Graciano, no século XII, principal fonte jurídica do Direito Canônico *até nossos dias*, baseando-se em Santo Agostinho e Santo Ambrósio, chega à conclusão de que Deus, ao criar primeiramente o varão, imprimiu somente nele a sua imagem¹⁴.

Essa visão teológico-machista permaneceu durante toda a Idade Média e mesmo ao chegar ao Renascimento, no contexto das descobertas científicas, a sociedade continuava presa a preconceitos medievais cristãos. Nesse novo contexto de nascimento das ciências, percebe-se a relação de poder entre os sexos, particularmente através da relação entre a medicina – prática masculina - e as curandeiras.

A medicina nascente da época¹⁵, preocupada em se legitimar e deslegitimar as mulheres - que cuidavam do parto, alívio de doenças através de poções e ervas -, ratifica o pensamento cristão acerca das mulheres, reforçando a idéia de que o saber da curandeira era perigoso. A capacidade das mulheres de prepararem poções e ervas passou a ser associada à sua capacidade de associar-se ao mal. Diante da figura da mulher, que o imaginário cristão considerava maléfica, foi relativamente fácil estabelecer a caça às bruxas e, neste sentido, ao sexo feminino.

O escrito da Inquisição *Malleus maleficarum* afirma: “se hoje queimamos as mulheres é por causa de seu sexo” pois, “existe um defeito na formação da primeira mulher,(...) ela é assim um ser vivo imperfeito, sempre enganador”¹⁶.

¹¹ *Malleus maleficarum*. Escrito da Inquisição, citado por Jacqueline Pitanguy, *O sexo bruxo. Religião e Sociedade*. out/1985, 12 (2), ISER. p. 31.

¹² Tertuliano, padre da Igreja, citado em PITANGUY. Op. cit.

¹³ PITANGUY. Op. cit.

¹⁴ Leonardo BOFF. *O rosto materno de Deus*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

¹⁵ Note que a prática de administrar ervas e poções é antiga, mas a medicina, como instituição científica, se inscreve também no quadro de modificações e descobertas científicas a partir do Renascimento.

¹⁶ PITANGUY. Op. cit. p 33.



Noutro texto, posterior, mas que exprime a permanência e a reprodução desta mentalidade, mas desta vez em terras brasileiras, temos: “como o intento do demônio é fazer na terra todo o mal que pode, por isso conserva as mulheres, porque elas são de todo o mal o instrumento”¹⁷. Ora, a mulher, vista como “naturalmente” má e enganadora, deveria ser controlada, vigiada, mantida submissa¹⁸.

Esse contexto de nascimento e consolidação do saber científico - desde o Renascimento até o século XIX – vai significar o progressivo rompimento com a explicação teológica do mundo, predominante na Idade Média. O mundo e o universo, que eram explicados a partir de Deus e da bíblia, passam, pouco a pouco, a ser explicados a partir de métodos racionais¹⁹. Contudo, a ciência não nasce isenta de valores, pré-noções e preconceitos herdados da Idade Média. De fato, a ciência ocidental nasce como resultado de um misto entre ciência e religião, uma vez que os primeiros “cientistas” da era moderna eram também profundamente religiosos. Assim, o discurso científico vai manter os preconceitos e pré-noções herdados contra as mulheres e somente nos últimos anos foi possível, no campo científico começar o questionamento a uma ciência androcêntrica.

Se no campo científico foi possível começar o questionamento aos valores e preconceitos judaico-cristãos, o mesmo não pode ser dito do avanço no campo religioso e no senso comum. Os valores milenares reproduzidos de geração em geração ainda permanecem, no nosso cotidiano, vivos e atuantes.

A “atualidade” dos preconceitos judaico-cristão

Na atualidade, com as conquistas do movimento feminista, muitos argumentam, erroneamente, que as lutas feministas não são mais necessárias, pois as mulheres conquistaram o sufrágio, a escolarização, a profissionalização, ingressaram no mercado de trabalho, no mundo científico e nos parlamentos. Contudo, apesar de todos estes elementos serem, em parte, verdade,

¹⁷ Antonio da Silva. Sermões da tarde de domingo da Quaresma, Pernambuco, 1763. In: Mary DEL PRIORE, Ao sul do corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 114

¹⁸ Teremos ao longo da história humana, arquétipos de mulheres que significam o lado “negativo” da mulher: Eva – tentação e queda; Afrodite – tentação e sedução; Pandora – curiosidade, ousadia, castigo. É interessante assinalar que o comportamento “desviado” dessas mulheres traz sempre como consequência desgraças para o gênero humano.

¹⁹ Esse processo foi chamado por Mircea Eliade de “dessacralização do mundo” e por Weber, de “desencantamento do mundo” – as explicações racionais substituem as explicações mágicas. A este respeito conferir: Mircea ELIADE. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. (trad. Rogério Fernandes). Livros do Brasil-Lisboa, 1956. e Max, WEBER. Ciência e Política: Duas vocações. (trad. Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota). 4a ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Cultrix, 1983.



permanecem inúmeras situações de desigualdade entre mulheres e homens em todas as áreas²⁰. Dito de outra forma: há uma divisão sexual do trabalho na sociedade em geral, presente, atuante, excludente.

Os determinantes para a permanência de situações de desigualdade entre mulheres e homens que, à luz da racionalidade não mais se sustentariam, podem ser buscados também na nossa formação histórico-social religiosa. O *habitus*, conceituado por Bourdieu como um “sistema de disposições duráveis, que integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e ações” nos leva a agir “intuitivamente”. Ou seja: o *habitus* é a história feita natureza, isto é, negada como história e incorporada em nossas vidas como natureza²¹.

Nas palavras de Bourdieu há uma verdadeira orquestração sem maestro, que confere regularidade, unidade e sistematicidade as crenças e normas sociais que são incorporadas em nós e se transformam em uma “segunda” natureza, pois são vistas como naturais. Assim, as normas sociais e as crenças passadas e presentes são transmitidas de geração em geração em falas, comportamentos, processos educativos, instituições diversas e são incorporadas pelas gerações presentes como ditados pela natureza, portanto sem necessidade de questionamento.

Deste modo, preceitos bíblicos e preconceitos históricos contra as mulheres são incorporados na vida cotidiana como verdades. É mister citar alguns provérbios ou crenças utilizados ainda hoje que demonstram isto.

“O chefe da casa é o homem”. Mesmo quando a chefia doméstica é feminina, as mulheres costumam afirmar: “aqui eu sou o homem da casa”, reforçando a visão que está é primordialmente a função social do homem.

“Aquela mulher está muito histérica (ou amarga): é falta de homem”!. Tal afirmação remonta a Grécia antiga e a Aristóteles para quem o homem, através do esperma, era o responsável pela saúde dos órgãos femininos, como já assinalamos.

“Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. A violência doméstica, apesar de inúmeras campanhas ainda é vista como assunto privado.

²⁰ A este respeito ver entre outros: Pierre BOURDIEU. *A dominação masculina*. (trad. Maria Helena Kühner). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Helena HIRATA. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. Maria Ednalva B. de LIMA, et all (org). *Um debate crítico à partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero*. São Paulo: CUT, 2002.

²¹ Pierre BOURDIEU. Esboço de uma teoria da prática. In: *Pierre Bourdieu*. 2^a Ed. São Paulo: Ática, 1994. Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 65.



“Ruim com ele, pior sem ele”. Tal frase reforça a indissociabilidade do casamento e a necessidade da mulher agüentar “qualquer coisa” por parte do homem, pois ficar sem ele, é sempre pior.

“Não se deve cortar cabelo com mulher menstruada, pois estraga o cabelo”. “Mulher menstruada não deve plantar nada, pois a planta morre”. Nestas frases, utilizadas corriqueiramente ainda no século XXI, reedita-se o mito da mulher impura que remonta as leis judaicas.

Deste modo, percebe-se que os preconceitos histórico-religiosos permanecem atuantes e crenças julgadas superadas ainda estão vivas e presentes no dia a dia, regulando nossas relações sociais. Neste sentido, não é de estranhar as inúmeras proibições feitas as mulheres nas religiões judaicas, cristãs e islâmicas. A nosso ver, elas fazem parte de sua própria lógica interna: as religiões nascidas da figura de Deus-Pai só podem estruturar-se a partir do androcentrismo e das constantes interdições as mulheres²².

Considerações finais

Este texto buscou demonstrar que o imaginário judaico-cristão é um pensamento marcadamente androcêntrico e como tal fadado a assim permanecer, por tratar-se de um discurso religioso. Ora, as sociedades mudam, as leis mudam, os costumes mudam, mas o discurso religioso, por acreditar-se ditado pelo próprio Deus não pode mudar. Isto representaria um abalo nas mais profundas convicções dos crentes. “A palavra de Deus é eterna e não passa”, “Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre”, costuma-se afirmar no senso comum. Deste modo, parece-nos impossível partir do próprio pensamento religioso judaico-cristão e estabelecer um discurso de igualdade entre homens e mulheres.

Mudam-se as interpretações do discurso religioso, atualizam-se as explicações, contudo, para isto, por vezes é preciso se afastar do discurso religioso e lhe dar uma explicação científica. O que afirmamos aqui é não a impossibilidade de se estabelecer uma crítica e explicação ao pensamento religioso que defenda e construa a igualdade entre homens e mulheres. O que afirmamos é que é impossível, partindo dos pressupostos judaico-cristãos baseados na figura de Deus-Pai, estabelecer um discurso libertador e emancipador para homens e mulheres.

²² Há uma diversidade de normas que variam de igrejas para igrejas, mas a maioria das proibições ainda recaem sobre as mulheres: elas não podem ser representantes das igrejas, não podem usar métodos anticoncepcionais, não podem abortar, não podem usar métodos artificiais para conceber, são tratadas de forma diferente em relação ao homem, em caso de adultério etc.



Bibliografia

- BIBLIA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.
- BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: *Pierre Bourdieu*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- _____. *A dominação masculina*. (trad. Maria Helena Kühner). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo*. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A Essência das Religiões. (trad. Rogério Fernandes). Livros do Brasil-Lisboa, 1956.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres*. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GEBARA, Ivone. Teologia Feminista. In: *Curso de Verão: Ano V*. (Org. José Oscar Beozzo). São Paulo: Paulinas, 1991. (Coleção Teologia Popular)
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- LIMA, Maria Ednalva B. de et al(org). *Um debate crítico à partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero*. São Paulo: CUT, 2002.
- PINTANGUY, Jacqueline. O sexo bruxo. *Religião e Sociedade*. out/1985, 12 (2), ISER.
- WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas vocações*. (trad. Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota). 4ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Cultrix, 1983.